

ASSIGNATURAS
PARA A CAPITAL

Anno	10\$000
Semestre	5\$000
Trimestre	3\$000
Max	1\$000
Numero avulso	\$300

O CRUZEIROOrgan dedicado as letras, pilherico
e pollicioso

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ASSIGNATURAS
PARA O INTERIOR

Anno	12\$000
Semestre	6\$000
Trimestre	3\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

Redactores e colaboradores: di-
versos

Veritas super omnia

Escreptorio da Redacção: Rua Conde
Magalhães n. 20**O CRUZEIRO****Pela Educação**

Debaixo de qualquer ponto de vista, quer instructivo quer moral ou familiar, a educação das crianças aqui de Guahá, está, pode-se dizer, em completo abandono.

Lancemos um olhar para a nossa educação infantil, debaixo do ponto de vista instructivo e veremos em que estado elle se acha.

Examinemos as nossas escolas primarias e certifiquemo-nos de que, relativamente á nossa população, o numero de alumnos que as frequenta é pequeno, diminuto mesmo.

Mas, não é por ser diminuto o numero de alumnos das nossas escolas, que se pode deduzir que em Guahá não ha crianças; não, aqui ha muitas crianças, porém cremos que nem a terça parte dellas são estudantes.

E isto porque? Simplesmente pelo desleixo em que os paes dessas crianças as deixam, não se importando com ellas, não as mandando á escola, deixando-as a seu bel prazer.

E isto não concorre para a decadencia da nossa instrução primaria? Muitoissimo.

Temos tratado da nossa educação instructiva e a temos visto bastante mesquinha; vamos então agora ver a educação moral da nossa criança.

Quem anda pelas nossas ruas, deve perfeitamente notar um grande numero de crianças que por ellas vagam, estando ás vezes, nesse numero, filhas de pes-

soas bastante consideradas entre nós.

Estas crianças, alem dessa vagabundagem, que muito já attenta contra a sua educação, alem de serem abandonadas pelos seus respectivos paes que com ellas não se importam, andam como já dissemos, exhibindo a sua má educação pelas nossas ruas, ora brigando uns com os outros ou descompondo immoralmente alguns dos seus companheiros.

Outras vezes, essa turba de meninos vagabundos divertem-se a atirar pedras nos telhados das casas, quebrando lampêdes da iluminação publica, borrando paredes com carvão, esburacando-as e fazendo mil outras coisas, ás vezes inconcebiveis para uma criança.

Tudo isto, pois, vem provar que actualmente são poucos os paes que trabalham, que zelam pela boa educação de seus filhos e que a maior parte, com elles não se importam, entregam-nos a vagabundagem, tornando-se estes meninos, muitas vezes, de boas e decas crianças, em mal educadas, maltradas e perfeitos vagabundos.

Como a turba desses vadiosinhos vai-se estendendo pouco a pouco, avolumando-se cada vez mais é preciso que se lhe ponha um fim, que se acabe completamente com ella.

E é por isso que chamamos a attenção dos senhores paes de familia para que tomem mais attenção e interesse na educação de seus filhos e da policia para que não deixe jamais esses meninos andarem pelas ruas, exhibindo publicamente a sua má educação, e que é uma vergonha

Major João B. C. Garcia

Este é o nome do zeloso collector do mercado da 1.ª districto, que tem sabido usar cabalmente dos cargos de que está investido. Como sabemos, o sr. Garcia, nomeado ha pouco tempo collector do nosso mercado, tem envidado os maiores esforços, conseguindo, graças ao seu zelo e dedicação ao seu emprego, collocar esse estabelecimento em uma altura já consideravel. Antigamente, o nosso mercado era um logco de anarquia; alli reinava o abuso; hoje tudo está mudado, e graças á quem? ao sr. Garcia, que muito trabalhou para isso e que continua a trabalhar para collocar o mercado em uma altura digna de um estabelecimento que tem por fim abastecer de viveres a nossa população.

Além disso, como subdelegado de policia, este sr. muito tem trabalhado pelo bem estar do nosso povo, como demonstrou o seu acto pondo fim á grande anarchia que muitos meninos vagabundos faziam no pateo da Matriz.

Por isto, o sr. Garcia é digno dos nossos applausos, e nestas linhas "O Cruzeiro" o felicita e agradece pelo que tem feito a favor do nosso povo.

NUM POSTALA algum
II.

Quando te vejo, formosa
de tardinha, á janelle,
em julho ver luminosa,
entre nuvens de ouro e rosa,
raioando a primeira cecilia.

Mus, si me falta a divina
luz do teu olhar, oh Lelia!
a noite negra domina
na minha alma, pois, menina,
só tu és a minha estrela.

Leonel

Ex-Molitor Destino
Guahá

ATOAMENTE

Terrível noite. Oh! que escuridão tétrica e aterrorizadora!

O eterno silêncio é bastante para só por si amedrontar aos pobres e incautos viajantes...

A negidão da noite é desagradável; desperta no animo da gente aversão que nos comunica máo estar extranho e indiferente que accorda a consciencia do nosso nada...

O estado do espirito torna se outro; apoderam-se das pessoas e das cousas—apathia e inquietação; desprezo e repulção para tudo o que nos cerca, quando a noite é negra...

As arvores gemem tristemente agoitadas pelo vento frio...

A alma também soffre como as arvores, mas o seu padecer é outro—mais penoso e magoado porque ella o comprehende, o sente, quando a invade esse ambiente, triste como o luto e negro como as paixões.

Oh! que noite eterna!

O assassino é como a noite escura. A sua ficção cheia de rugas só desperta antipathia; os seus braços quando se erguem só o fazem para o mal; os seus pés só se levantam para calcar deshumanamente a victima agonizante.

A sua voz rouquenha simula o vento; o seu coração de fera representa a negridão das noites tetricas...

E o vento sopra e as folhas das arvores seculares rugem, sempre e sempre.

Cuiabá, 14 de Setembro de 1908.

Generoso Alves de Siqueira.

Notas da semana

Advocacia

A 26 de corrente, submetter-se á ao exame de advocacia que requereu o cidadão Antonio de Souza Queiroz.

São examinadores os senhores Drs. Oscar da Costa Marques e Arlindo de Andrade.

Correspondencia

Por falta de espaço deixamos de

publicar neste numero uma correspondencia que nos foi enviada de Corumbá, tratando de abusos e mais coisas do paquete Nioac do Novo Lloyd.

Aniversario

Cumprimentamos affectuosamente a gentil senhoria d. Rita Pimenta, pela passagem, a 19 do corrente, do seu feliz natalicio.

Exames

No dia 1.º de Outubro proximo vindouro iniciar-se-ão no Liceu Guibano, os exames da primeira epocha dos alumnos dos cursos gymnasiaes do mesmo Liceu.

Tenente Annibal Amorim

Visitamos, domingo ultimo, este talentoso e distincto militar, que ultimamente, pelo paquete "Apa", chegou a esta capital, vindo servir no 8.º batalhão de infantaria.

Muito affável e delicado, o sr. Annibal nos recolheu ao seu apocento, no hotel do Gama, tratando-nos com toda a gentileza.

Segundo disse-nos elle, veio á Matto Grosso espontaneamente, para conhecer este recanto do enosso brasileiro, e já nestes poucos dias que tem permanecido aqui em Cuiabá, diz ter gostado muito da nossa cidade e admirado o nosso progresso em todos os ramos.

O tenente Annibal Amorim é um exímio cultor das letras.

Mimoso poeta, tem já publicado tres livros de poesias: *Pompas*, *Novilunios* e *Novos Poemas*; nestes livros, revela este poeta, em estilo elegante e gracioso a sua aptidão poetica e riqueza de imaginação.

Segundo contou nos elle, está já no prelo, um seu quarto livro de versos, que talvez este anno mesmo teremos o prazer de vermos publicado.

Em amistosa conversa, com os seus modos gentis e affáveis, offerceu-nos ella a sua *Musa* e, por-se á nossa disposição o que sinceramente agradecemos.

Retirando-nos, o sr. Annibal Amorim nos agradeceu pela visita que lhe fizemos e offerceu-nos amavelmente a mimosa poesia inédita "O cabelo de Helena", da sua lavra, com a qual, hoje "O Cruzeiro" tem muita honra em adornar as suas columnas.

Ao illustre sr. tenente Annibal Amorim agradecemos a gentileza com que nos distinguia e alojamos ardentemente que permaneça aqui entre nós, por longo tempo.

O cabelo de Helena

Conserve, ha muito, a esperança
—E esse ardor, como contel-o?
De guardar, como lembrança,
Um fio de teu cabelo.

E tu, Helena, a legares
Cousa tão simples a quem
Como eu te amo! O singulares
Caprichos de quem quer bem!

Tu, fino cabelo louro,
Que te dá belleza tanta,
Atado á cessa fita de ouro,
Te imprime uns ares de santa.

Ficas até mais formosa,
Se q' trazes, Helena, assim,
Prendendo á fita essa rosa
Que te foi dada por mim.

Não sabes com que desvelo
Eu tudo, tudo faria,
Para em teu louro cabelo
Tocar meus labios um dia!

Mas não no deixes, Helena,
—Cresça embora minha dor—
Que é causa de tanta pena
Talvez excesso de amor...

Annibal Amorim.

Cuiabá—1908.

CANÇÃO

Céu claro e azul, céu transparente,
—Gase diaphana estendida
no alto, brilhando docemente,
da luz ferida...

Rassam pelo ar uns rumores
como de azinhas tateando,
e pelas arvores, aos bellos,
andam os passaros voando...

Duas a duas sempre aos pares,
as borboletas multicores
voam, rovoam, nos pomares,
por entre as flores...

O orvalho brilha... A luz scintilla...
O aroma exhala-se e embriaga...
No céu, a lucida pupilla,
tinda, a estrella d'alva apaga...

No amplo tapete esmeraldino
dos valles, se abrem violetas...
Piange, no espaço, a voz de um sino
magnas secretas...

E o sol, —um claro sol de maio,
de luz vibrante, pura e bella,
molda-me o seu coração, —um raio,
por entre os vidros da janella.

1908.

José B. de Mesquita.

A ALGUEM

Ao leres isto talvez não penses mais em mim...nem mesmo te recordes já, dos dias lédos em que juntos fallavamos do nosso amor; eu, espandindo os mais puros sentimentos, até então, albergados em minha alma, e tu, quem sabe!...fazendo-me crer n'um affecto nunca experimentado pelo teu instável coração.

Quão infeliz tens sido oh! meu coração! quão lugubres presentimentos te têm agitado!

Sofreres eis o teu destino. Exporas os revezes do teu amor impensado...d'esse amor que no apogeo de sua gloria contempla estatica a nuvem tetrica que ameaça toldar o horizonte das suas mais bellas esperanças...de sua vida.

Entretanto, um não sei que de illusorio, faqueiro manda-me esperar ainda e sempre a sentença das culpas minhas; sentença que, embora impia é bastante para matar-me; só a aceitarrei de teu punho para assim poder beijar e trazer dentro do meu peito essa ultima lembrança d'um amor que morre que se estingue para sempre!

Sim! pois—jamais hei de amar na vida!

10—9—1908.

Rasec.

BALDROCAS

—Bonitos gradis, estes do Apai São canudinhos de ferro esmaltado, não é?

—Qual ferro, sei! Isso ali são canudos, mas sim de penca d'agua.

—Eis aqui um recibo d'O Cruzeiro, corresponde á sua assignatura de Agosto.

—ão pag; não sou assignan-

—Estão porque o sr. não dá livros os m. que entiegui?

—Ora, porquê...

—Porque o sr. quiz ler jornal de graça, não é?

Talisman

O pallido Romagu jura vingança
Tomar por sua raça pobre e pura.
Ferve-lhe o sangue. Eis, senão quando a lança
Depõe desanimado, e quebra a jura.

Por causa de Julieta que o amansa
E escravisa com a rara fermosura:
De esposa-la, mais tarde, na esperança
Dos inimigos a affeição precura.

Como é forte a fraqueza feminina!
Pois, sobretudo, em lagrimas consiste,
E o coração mais duro ella domina!

A esse fraco poder nada resista!
Tinha Julieta — encarnação divina —
Nos seus olhos azues um mar tão triste...

Luiz Terencio

Mas eu lhe ponho a calva á
Mostra.

—Olha aqui; não é verdade,
que moça que acredita em pedidos
de cometas é louca?

—Não é louca, é tola, porque
todós elles são... casados...

—Onde vaes assim, correndo
como um lobô?

—Vou alli no Arsenal, comprar
pamada «Globo».

Juramento de um casado:

—...e depois prometto casar
me contigo.

—Ah! o senhor é casado! Pen-
sa que não sei disso!...

—Não ha duvida; casar-me-oi
contigo, quando eu ficar viuvo...

—O Fidelis (ahi á um lado.)
Estes casados agora são mais
espertos do que o diabo... Puxa!...

Fidelis.

Instrução Publica

Sobre o editorial *Decadendo* do nosso jornal de 23 de Julho, p. 9. recebemos da villa do Rosario a seguinte carta aberta que em seguida transcrevemos, a qual nos mostra o zelo dos professores das escolas elementares dalli e faz ver á Directoria da Instrução Publica a necessidade naquella villa, de mobilia escolar para melhor funcionamento das aulas.

Eil-a:

Carta aberta

Amg. G. Correia

Não tenho recebido tuas cartas, já ha alguns mezes; porem não é a proposito disso que venho escrever-te, sim a respeito de um furibundo, mas correcto artigo de fundo intitulado *Decadendo* inserto n' O Cruzeiro de 23 de Julho, de cujo periodico, parece-me, ainda fazes parte.

Foi esse um bom artigo, e declaro-te francamente que gostei e appreciei-o bastante; mas como o Sr. Redactor disse que a decadencia da instrucção publica, neste Estado, é attribuida em grande parte aos Srs. professores que pouco ou nada cuidam no offerecimento do seu dever, (que na realidade isto dá-se muito no interior do Estado) venho declarar-te, meu bom amigo, que nessa falta de om entrar como excepção as escolas desta Villa, visto que ellas tem tido incremento que jamais tiveram, como posso provar-te pelas matriculas e frequencia assidua dos alumnos. Ora quantos annos faziam que nesta Villa não havia um só exame elementar?

Faziam 23 annos mais ou menos (!!!); mas em Dezembro de 1907 as duas escolas deram to alumnos habilitados o que podaras verificar pelo Gazeta Official e pelas relatorias dos respectivos professores publicadas naquella occasião. (Conta que nunca li dos outros professores). Esses alumnos até hoje não tiveram a honra de receber os seus respectivos diplomas, sendo que é isto o maior e o melhor estimulo para o menino que frequenta uma escola.

Mas também é uma bajulação e é não saber o que é uma escola, dar um professor mais atenção aos alunos, filhos de ricos e dos humildes colportados. «A escola, diz Rousseau, é como um terreno neutro, em que os filhos de todas as famílias se encontram; quaisquer que sejam as opiniões políticas e religiosas dos pais, elles têm um igual direito á instrução, porque, sem instrução, a igualdade, irmã da liberdade, é impossível.» — As nossas escolas estão, sempre francas para a visita de qualquer autoridade ou interessado, mas nellas verão que só tem de mobília, escolar umas carteiras e bancos antiquíssimos (!) e o professor, si não quizer ficar em pé durante todo o expediente, tem de pedir equipetado ao vizinho mais proximo, uma cadeira para occupar a na escola publica (!!!).

Asseguro-te, meu bom e caro amigo, que os desejos dos professores seriam mais apoucados se não fossem modelados pelos dos meiores.

Terminando tenho a declarar-te que não estou pleiteando causa alguma, vim somente trazer os meus sinceros applausos á illustre Redacção do *O Cruzeiro*, pelo acertado artigo *Decadência*, e pedir-lhe a isenção da accusação a quem de direito. Cumprimento-te.

Rozario, 1968.

R. Mello.

O menino e o cão

(Continuação)

VIII

Enquanto durava o dialogo a creancinha acercou-se do cão e poz-se a acariciá-lo correndo as pequeninas mãos sobre o longo e sedoso pelo que revestia o corpo do animal. O menino insistiu em ficar, tomara a seu cargo qualquer serviço affim de não comer gratuitamente. Bateu o pé a orla da com gesto de impaciencia. Si elle soubesse teria lhe atirado em rosto o verso seguinte:

«Donnez, riches: l'aumône est sœur de la prière».

Sublime Hugo...

Não havia remédio: fez movimento de retirada. A innocente creança o acompanhou choramingando, agarrando para que vol-

tasse. Certo, menos pela caridade do que pelo desejo de ter a seu lado o cão. Subito appareceu a mãe. Esta, á vista da insistencia da filhinha, concedeu: agasalho ao infeliz.

Amor de mãe... que ha de mais puro...

Tinha fome. Pediu que lhe trouxessem de comer. Comeu a fartar.

IX

Graças á sua habilidade, João se occupou, em poucos dias de varios trabalhos. Pastoreava os bois de carro, fazia obras de marcenaria e alvenaria. Desempenhava affim, todas as funções d'aquella casa rustica. Era páu para toda a obra: as suas condições ceptoráveis assim o exigiam. Nas horas vagas tomava parte nos folguedos infantis. Ia aos boadinhos se fazendo estimado d'aquella gente. Ah! si eu fora Theócrito de Syracuse, o cantor magnifico dos pastores, dos rebanhos, da casa rustica... Quem me dera...

Ao menos essas casinholas de campo não viveriam ignoradas do mundo... Os encantos da vida não é certamente no rumor das grandes cidades que se encontram... não... é no silencio d'esses retiros campestres... tabernáculos da paz...

(Continúa)

Recebemos do Sr. Joaquim Machado, distincto alumno do 1.º anno do Lyceio Cuiabano, a seguinte collaboração que publicamos íntegra litteris para maior realce da cultura desse jovem que jactava-se com esplendor ao cultivo das letras patrias.

Admirem os leitores a belleza deste conto, digno de figurar na Exposição Nacional e cujo auctor merece, não uma duzia de palmas, todas, mas sim uma surra de páu para não escrever burricez taes...

Sonho da madrugada

Era uma linda madrugada; o céu bordado de estrellas; a cidade muito deserta; os pequenos insectos cantavam fogueiramente que vinham quebriar as monotónas da madrugada.

Sonhei com ella; sonhei com os a-

Que encanto á minha triste vida solitaria que corre em volta dos luctuosos veus...

N'uma certa hora da madrugada, sonhei que estava junto do meu amor e quando surgiu uma voz que chamava-me com urgencia; eu muito assustado com aquellas vozes levantei e acendi logo a lampada, da sala; perminei quasi uma hora ali em pé e sem poder ver nada, quando de repente apparece uma grande borboleta preta que voava sobre o parede e afinal apagou a lampada, e eu também já muito entediado com aquella voz, tornei a commodar no quarto.

Dá repente ouvi outra voz que me chamava; eu já não podia mais suportar aquillo, respondi com muito medo: — Quem és tu?

Depois com muito custo com uma voz fanhosa e tremula respondeu:

— Sou a mãe dos corações magoados.

Mahi passado horas sonhei que quem me chamou era uma linda moça toda vestida de branco e de vestida encimada estas lufas. Era D... a mais linda e encantadora moçinha quando na flor da idade, querida e adorada de seus pais, tinha declarado o abraçado amor ao seu então futuro condeador.

Depois entendi que ella me perguntou o que que eu soffria que estava assim tão triste; eu calhamente respondi que sentia uma magoa; no coração e quem contemplava-me á muito tempo, deixou-me nesta bofite solidão sem amores, sem alegrias, sem carinhos e sem esperanças dos mais sinceros amores que tinha n'aquella pobre alma piedosa, que agora deixou-me no campo do desamor.

— Agora que desajou?

— Agora desejo que tenha compaixão, consoar-me nesta pobre vida. Pois eu sou a filha da caridade, e esclamo, carinhosamente... Que aijos. Que felicidade... amo extremosamente e hei de amar-te até nas ultimas horas do meu padecer.

Desde esse dia ella ficou gostando de mim e amava-me com muita alegria que nunca mais quiz desprezá-la.

Longos tempos, depois, appareceu a minha antiga amante, mas não achei manchar com que pudesse contemplar ella, porque tinha deixado-me naquellas incipidas solidões sem amor e sem vida.

Agora achava-me cercado de tantos amores, não podia amar um coração que tinha desprezado-me á muito tempo.

E depois, também com a incessante cantiga dos pastores que cantavam tão alegremente, á com os raios solares que já se estendia sobre meu rosto, nisto acordei e esqueci completamente d'aquelles sinceros amores e d'aquelles tristezas antepassados.

Cuyabá, — 24-9-1908.

Joaquim Machado.

Typ. d' O'Pharel